

**OS ESPAÇOS RETRATADOS NO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ:
DIFERENTES OLHARES, UMA MESMA REALIDADE**

Recebido em: 21/05/2013

Aceito em: 26/09/2013

*Simone Rechia*¹

*Fernando Richardi da Fonseca*²

*Karine do Rocio Vieira dos Santos*³

*Flavia Gonzaga Lopes Vieira*⁴

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Curitiba – PR – Brasil

*Aline Tschoke*⁵

Instituto Federal do Paraná

Paranaguá – PR – Brasil

*Emília Amélia Pinto Costa da Silva*⁶

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Curitiba – PR – Brasil

RESUMO: A pesquisa teve o objetivo verificar a percepção de alunos do Colégio Estadual do Paraná - CEP, em relação a alguns espaços que possibilitariam vivências lúdicas no colégio. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, realizada com estudantes do colégio. Os resultados advindos dos questionários e da aplicação de protocolo específico indicam que o acesso aos espaços e o tempo disponível durante os intervalos influencia a apropriação e conseqüentemente a percepção dos alunos quanto aos diversos espaços do colégio.

PALAVRAS CHAVE: Instituições Acadêmicas. Atividades de lazer. Adolescente.

**SPACES PICTURED IN COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ: DIFFERENT
LOOKS, THE SAME REALITY**

ABSTRACT: The study aims to verify the perception of students of the Colégio Estadual do Paraná - CEP, for some spaces that would allow recreational experiences in college, weaving alongside some analogies with clips from the movie "Between the school walls. This is a study with a qualitative approach, conducted with college

¹ Professora Pós Doutora. Departamento de Educação Física da UFPR.

² Mestrando em Educação Física pela UFPR.

³ Mestranda em Educação Física pela UFPR.

⁴ Mestre em Educação Física pela UFPR.

⁵ Doutoranda em Educação Física pela UFPR.

⁶ Doutoranda em Educação Física pela UFPR.

students. The results from the questionnaires and observation indicate that access to space and time available during breaks influence the appropriation and therefore the perception of the students regarding the various spaces within the walls of the CEP.

KEYWORDS: Schools. Leisure activities. Adolescent.

INTRODUÇÃO

Dentre os espaços que possibilitam a dimensão lúdica, a escola, na sociedade moderna, vem se tornando cada vez mais local privilegiado para que as crianças e adolescentes possam experimentar tal dimensão. Rechia (2006) ressalta que tal fato se dá em função das várias transformações sociais percebidas nas cidades, entre as quais se identifica uma sensível limitação dos espaços destinados a essas experiências. Para Simmel (1998), citado por Tschöke; Tardivo; Rechia (2010), esta nova configuração é decorrente das grandes mudanças estruturais do mundo moderno, sendo “a urbanização, a divisão social do trabalho, e acima de tudo o advento da economia monetária” fatores determinantes desse processo.

Entretanto, tal fato pode influenciar significativamente o processo de escolarização, conforme questionamento de Rodrigues (2003, p. 93-94):

Como pode haver escolarização de qualidade com a crescente exiguidade dos pátios, áreas comuns, das quadras de esporte, e das salas de aula para crianças e jovens que também perdem seus espaços nas casas, apartamentos, *playgrounds*, nas ruas, praças, nas favelas, nos bairros populares?

Desta forma, ao espaço escolar seria atribuída a possibilidade, atualmente, de ser um dos poucos meios de defesa territorial, tanto para a socialização, quanto para a educação e escolarização de crianças e jovens (RODRIGUES, 2003), e por que não de adultos também, no sentido de vivência e reforma urbana.

Tendo em vista a escola diante desse processo, percebemos que os espaços destinados às práticas lúdicas devem ser considerados como um dos pilares para se pensar a escola. Isto porque, o espaço é muito mais do que apenas dimensões

representadas por números, é nele que as diferenças econômicas, sociais e culturais se materializam, bem como, a potencialização das relações sociais afinal, os espaços também educam (BUFFA, 2007). Desta forma, o desafio é perceber como acontece esse dinâmico processo de apropriação do espaço, desvelando os sentidos e significados que os usuários dos mesmos lhes conferem, a partir do sentimento de pertencimento ao lugar, estes que podem ser relacionados com as experiências lúdicas vivenciadas nesses espaços.

Nesse contexto, destaca-se que a ação lúdica, segundo Santín (2001), pode ser definida levando-se em consideração cinco perspectivas sendo estas: a simbologia, criatividade, liberdade, gratuidade e alegria. Aponta-se nessa perspectiva a possibilidade dos seres humanos em dar sentido e significado aos elementos de uma experiência a partir de referências anteriores, além de ser capazes de transformar cada oportunidade em única e diferenciada a partir da capacidade de criar e recriar. Outra questão muito relevante refere-se ao exercício da escolha fazendo com que seja possível vivenciar a liberdade, participando dessas vivências de forma espontânea sem a necessidade de retorno material, podendo em alguns casos obter como produto a alegria (SANTÍN, 2001).

Nesse sentido, a comunidade escolar pode e deve pensar e implementar formas de potencializar os espaços que possibilitem vivências lúdicas na escola, a partir do incentivo à ação lúdica.

Flores (2007; 2009) sinaliza em seus estudos benefícios notáveis obtidos nas escolas que dispunham de espaços livres e que propiciavam o acesso a estes espaços, uma vez que a apropriação dos diversos espaços pela comunidade escolar facilitava a regularidade do uso, a segurança e a manutenção. Entretanto, a autora aponta também a

ocorrência do contrário, ou seja, da dificuldade das escolas em oferecer espaços livres que possam ser entendidos e apropriados pelos estudantes, tendo como argumentos a falta de conhecimento e entendimento dos responsáveis pela gestão da escola em relação à importância de espaços livres e adequados destinados às vivências lúdicas, limitações dos terrenos em relação à dimensão e declividades acentuadas, dentre outros.

Entendemos a vivência lúdica como uma “construção sociocultural histórica”, que pode “influenciar e/ou ser influenciada pela vida social e cultural mais ampla em que acontece” (PINTO, 2007, p. 180), no caso específico da escola, influenciada em grande parte pelas tomadas de decisão da comunidade escolar. Entretanto, a mesma autora sinaliza a importância da promoção do lúdico, “não apenas como meio para atingir vários fins externos a ele, mas, sobretudo, como a principal finalidade a ser alcançada” (PINTO, 2007, p. 176).

Para Gomes (2008, p. 125) “a vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo” faria parte do lazer enquanto dimensão da cultura.

Desta forma, seria possível apontar para a ocorrência do lazer na escola, possível pela articulação de quatro elementos inter-relacionados (GOMES, 2008), que seriam: a) o tempo (não apenas aquele institucionalizado, desta forma, contemplando períodos como o intervalo e demais tempos escolares, por exemplo), b) o espaço/lugar (além do espaço físico, enfatizando a apropriação, o convívio social e a possibilidade de transformação destes locais pelas pessoas), c) as manifestações culturais (diversidade de fruição da cultura, seja para diversão, descanso e/ou desenvolvimento) e d) as atitudes

ou ações (baseadas no lúdico, entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade).

Por contemplar todos os elementos anteriormente citados, embora em escalas diferentes, por exemplo, em relação ao tempo rígido, controlado e determinado, mesmo assim a escola poderia se caracterizar como um espaço que possibilitaria, por meio das diversas vivências lúdicas possíveis, a ocorrência do fenômeno do lazer.

Dentre os tempos escolares, o horário do intervalo ou do recreio é aquele em que alunos, professores e funcionários, salvos algumas exceções, geralmente dispõem de mais liberdade, atribuindo a este tempo escolar uma gama de significados que escapam, em geral, de qualquer registro, podendo ser também um tempo criador de relações sociais e novos valores, fazendo parte da cultura escolar, considerada por Boto (2003) uma dada distribuição do espaço e do tempo escolares.

As atividades realizadas pelos estudantes durante o horário do intervalo das aulas faz parte da cultura lúdica, caracterizada por Stigger (2009) como as atividades realizadas em espaços e tempos em que as pessoas estariam livres das obrigações e do trabalho, ocorrendo de acordo com as suas possibilidades de escolhas. Ainda de acordo com o autor, essas atividades passariam por processos educativos, pelo fato de se inserirem no contexto das práticas da “cultura vivenciada no tempo disponível”, inseridas nos processos de socialização pelos quais as pessoas passam por toda sua vida social, inclusive na escola (STIGGER, 2009, p. 82).

Entretanto, embora o intervalo caracterize-se como um tempo disponível e livre das obrigações escolares, nem sempre pode ser caracterizado como um tempo de liberdade, principalmente para os alunos, muitas vezes obrigados a permanecer em espaços reduzidos e sem a possibilidade de vivenciar uma gama maior de atividades

lúdicas. Desta forma, para muitos alunos do colégio, o intervalo, ou melhor, o horário do intervalo acaba sendo destinado única e exclusivamente às idas ao banheiro, ao descanso para o restabelecimento das energias necessárias para as demais aulas e para o lanche.

Cabe agora uma descrição das características do colégio pesquisado, principalmente dos seus diversos espaços, entendidos por nós como espaços que possibilitariam inúmeras vivências lúdicas.

O Colégio Estadual do Paraná- CEP, mantido pelo Governo Estadual do Paraná, está localizado no centro da cidade de Curitiba, um de seus marcos é sua história, que é anterior a do próprio Estado, com a Criação do Liceu de Curitiba, em 1846. Outra característica marcante é sua estrutura, atualmente a maior dentre os colégios estaduais desse estado e, para Correia (2005, p. 252) “a instalação desta instituição tem sido única em Curitiba até hoje, construída com toda a imponência e grandiosidade”.

O CEP ou Estadual, como é carinhosamente chamado, tem sido um dos principais espaços de eventos artísticos, científicos, políticos e culturais na capital do Estado. Ao longo de sua trajetória tem contribuído com a educação paranaense por meio de práticas educativas que serviam, e ainda servem de referência para todo o Paraná. O espaço físico da instituição é privilegiado pela localização central e pela área que disponibiliza para seus alunos, professores, funcionários e comunidade escolar.

Além das aulas regulares, são ofertadas diversas atividades relacionadas às artes, esportes e línguas no contra turno, o que gera um aumento do número de alunos e pessoas que frequentam o colégio diariamente (dentre elas pais, visitantes e alunos em atividades de contraturno), totalizando, de acordo com dados fornecidos pelo colégio,

cerca de 7.500 pessoas. Atualmente o colégio conta com mais de cinco mil alunos matriculados, distribuídos nos turnos da manhã, tarde e noite.

Para atender a toda esta demanda conta com diversos espaços, como Salas de aula (41), Auditório, Salão Nobre, Laboratórios de Biologia, Física, Química, Matemática, Prótese dentária e Informática, Biblioteca, Escolinha de artes contendo salas para o trabalho com todas as linguagens, Ginásio, Campo de futebol, Pista de atletismo, duas Piscinas (uma semiolímpica), Planetário, Observatório, Pátios cobertos, Arena, Jardins dentre outros, contando com diversas atividades extracurriculares que atendem as expressões artísticas e esportivas (COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 2011).

Diante das informações a respeito do colégio entendemos que o mesmo tem um potencial relacionado principalmente com a gama de espaços, espaços estes que possibilitariam diversas vivências lúdicas, não somente pelos alunos, mas também pelos demais membros da comunidade escolar. Desta forma, nosso objetivo com este estudo foi identificar como alunos do colégio percebiam as possibilidades de lazer, por meio de vivências lúdicas no tempo e espaço escolar.

METODOLOGIA

Inicialmente realizamos, no final do ano de 2011, a aproximação com a direção do Colégio Estadual do Paraná firmando o compromisso da pesquisa, com o objetivo de diagnosticar os espaços que possibilitam experiências lúdicas no colégio, a fim de sugerir melhorias aos mesmos.

Com isto consolidado, iniciamos a pesquisa, de caráter qualitativo, no fim de março de 2011, com a aplicação do Protocolo de Observação de Espaços e

Equipamentos de Esporte e Lazer utilizado pelo GEPLC. Esse protocolo pode ser considerado semiestruturado, visto que possui alternativas objetivas e campos, no qual é possível descrever a realidade observada, além disso, é preenchido no momento da observação. Paralelamente são realizados registros fotográficos.

Os itens contemplados no Protocolo são: manutenção, segurança, iluminação, acesso, condições dos sanitários, dos mobiliários, materiais disponíveis, dentre outras informações. Primeiramente foram observados os espaços externos do colégio.

Em abril de 2011, desenvolvemos a aplicação do Protocolo nos espaços internos do colégio que podem ser utilizados em outros momentos além da aula formal (recreio e contraturno), tais como Biblioteca, Auditório, Sala de teatro e Escolinha de artes.

Para verificar a de que forma os alunos do CEP percebem alguns espaços destinados às vivências lúdicas no colégio foram desenvolvidos questionários específicos para os alunos, os quais visavam elencar quais eram as impressões destes em relação às questões constituintes do Protocolo de Observação. Nesse sentido, os questionários abordavam o conhecimento dos alunos a respeito dos espaços, quais eram as formas pelas quais se apropriavam deles, quais eram suas percepções em relação à manutenção, iluminação, limpeza e controle, além de oferecer a opção de sugestões de melhorias para cada espaço pesquisado.

Nessa pesquisa, devido ao grande número de alunos participantes, utilizamos o questionário como forma de comunicação e entendimento da percepção destes em relação aos diversos espaços do colégio.

O questionário, aplicado no 1º semestre de 2011, na forma de entrega do documento aos alunos e devolução em uma semana para a direção do colégio, possuía

duas partes: a primeira individual e a segunda coletiva, a ser debatida com a turma correspondente ao Representante.

Para delimitar o universo pesquisado admitimos como pré-requisito ser representante de turma e vice, com o pressuposto de que esses alunos, devido à sua posição política no colégio, tenham uma percepção mais sensível para assuntos que tratem dos espaços. Com isso, foram respondidos noventa e quatro (94) questionários, tabulados em planilhas do Programa Excel® do pacote Office da Empresa Microsoft. Foram respondidos dezoito questionários pelo turno da manhã, vinte e três pelo turno da tarde e cinquenta e três pelo turno da noite.

Quanto aos questionários realizados em debate com a turma foi possível formular as seguintes categorias de uso dos espaços: a) passagem; b) formação educacional e profissional; c) lazer; d) controle; e) incentivo; f) infraestrutura e g) segurança, além das seguintes categorias de espaços: a) pátios (conhecidos como: Ala par, Ala ímpar e Arena; b) complexo esportivo (Ginásio, Campo, Pista de atletismo e quadras; c) espaços de formação e educação profissional e d) área verde (Área em frente ao planetário e Bosque), conforme a (FIG. 1).



FIGURA 1. Principais espaços externos do colégio. (1) Bosque; (2) Área em frente ao Planetário; (3) Ginásio; (4) Pista de atletismo; (5) Campo gramado; (6) Quadras (duas poliesportivas e duas de vôlei); (7) Pátio descoberto (Arena); (8) Pátio coberto (Ala Par); (9) Pátio coberto (Ala ímpar); (10) Piscinas, dentre outros.

Fonte: Google Maps, 2012.

Mesmo diante da falta de planejamento deste tempo escolar no colégio onde foi realizado o estudo, percebemos, por meio da observação e de relatos de alunos a ocorrência de atividades lúdicas, como jogar cartas, jogar ping-pong, *foursquare*⁷, rodas de conversas aparentemente animadas dentre outras, consideradas verdadeiras táticas, na acepção de Certeau (2008), ou seja, ações calculadas e determinadas pela ausência de controle, no caso específico do colégio, seriam as atividades realizadas pelos alunos de maneira autônoma diante da falta de planejamento específico, aproveitando a ausência momentânea do controle institucional deste tempo escolar.

Simultaneamente a estas táticas percebemos todo um aparato de estratégias (CERTEAU, 2008), relacionadas ao postulado de poder, implícitas ou explícitas pelos documentos que norteiam o funcionamento da escola (PPP, Regimento escolar, Guia do aluno e comunicados diversos), além das regras cotidianas estabelecidas (formulação de novas estratégias) pelos responsáveis pela gestão do colégio, dificultando a possibilidade de vivências lúdicas pelos alunos (como exemplos citamos a dificuldade e proibição de acesso a muitos espaços, principalmente ao complexo esportivo, a obrigação de descer para o pátio portando todo o material etc.). Diante deste cenário, os alunos se moveriam no campo das estratégias, ou seja, do que é considerado permitido ou proibido, tendo como aliado o tempo e as astúcias para aproveitar da melhor forma possível as oportunidades para a vivência de atividades lúdicas de seu interesse no intervalo.

⁷ Jogo que no espaço em questão é praticado em uma quadra pintada no chão do pátio de aproximadamente 4m², dividida em 4 quadrantes. Em cada quadrante fica um jogador, cada jogador rebate um abola de tênis em qualquer um dos outros quadrantes, ficando o jogador que recebeu a bola no seu quadrante rebater sem que ela quique mais de uma vez. Cada vez que um jogador erra ele sai e outro entra.

A seguir trataremos dos dados em cada turno, para que seja possível tecer inferências relacionadas ao modo como os alunos de cada turno percebem e utilizam os espaços que são destinados às experiências lúdicas no colégio.

Pretendemos aqui expor retratos dos espaços do CEP, realizados pelos alunos totalizando três retratos, semelhantes e ao mesmo tempo diferentes, no entanto, cada qual com suas particularidades marcantes.

1º Retrato - TURNO MANHÃ

O turno da manhã compreende os alunos do Ensino Médio (2ª e 3ª série), do Ensino Médio Integrado (3º e 4º anos), além dos alunos do curso médio integrado em Saúde bucal (1º e 2º ano), totalizando 40 turmas.

De acordo com as respostas obtidas, estes espaços são utilizados pelos alunos, pois servem de passagem para entrada e saída do colégio, e também pelo fato de serem locais onde os alunos se reúnem no tempo do intervalo. Nas palavras dos alunos: *“Costumo utilizá-lo no intervalo”, “Aula prática ou intervalo”*.

O uso, nesse caso, está diretamente relacionado aos tempos livres que existem no tempo escolar: *“Antes da aula, esperar dar o horário da aula, conversar com meus amigos”, “Entrada e aulas vagas, trabalhos escolares, matar tempo ou descanso”*.

Os alunos têm acesso facilitado a estes locais, de forma que conseguem vivenciá-los mais intensamente. Dessa forma, esses espaços passam a fazer parte do mundo vivido desses alunos.

Por ali eles passam, sentam, comem e conversam, de forma que esse lugar passa a fazer parte das suas vidas. Segundo os questionários nesses espaços os alunos:

“Descanso, leio, como”, “Ficar na hora do intervalo, aulas práticas de Educação Física, banheiros”.

A partir dos estudos de Rechia e França (2006) percebemos que esses locais, aos quais os alunos têm acesso, podem se tornar para eles de espaços a lugares. A categoria lugar surge quando um espaço qualquer passa a fazer parte da vida de um sujeito, tendo significado para este. Para Santos (1997), autor que discute esse conceito em profundidade, o conceito de lugar induz a uma análise na dimensão da existência, pois se refere a um tratamento do mundo vivido.

[...] o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2011, p. 114).

Embora não seja objetivo deste estudo, durante a fase de observação percebemos diversas experiências nos espaços pesquisados. As indagações pelos alunos a respeito da maneira como se encontravam os espaços e das formas como estavam organizados aparecem em vários relatos.

Outros espaços citados foram os que formam o complexo esportivo (pista de atletismo, campo, quadras e piscinas), vinculados principalmente às aulas de Educação Física e a biblioteca, espaço usado em aulas de Português, bem como para pesquisas.

Em contrapartida os espaços menos utilizados citados pelos alunos da manhã foram: o auditório, o ginásio e áreas verdes. Os dois primeiros estavam em reformas e por essa razão não estavam abertos ao uso. A falta de manutenção e o controle do acesso também foram fatores para o não uso dessas áreas. Quanto ao controle, França (1994) cita que o espaço escolar é um espaço de vigilância e controle. Ainda para o autor, a escola lança mão de inúmeros recursos na tentativa da composição de um clima

que permita o controle de todas as atividades ali realizadas. Contrário ao acesso, o controle propicia que o espaço escolar e suas diversas estruturas físicas se tornem, aos poucos, organizações complexas que acabam possibilitando esse mesmo controle (TUMA, 2001).

Buffa (2007) relaciona o controle à situação de violência em nossa sociedade atualmente, em que a segurança das pessoas e do patrimônio tornou-se questão de fundamental importância, resultando no controle constante e de diversas formas (muros altos, grades, câmeras, etc.). Este controle, sinalizado pelos alunos no CEP, interfere na possibilidade de apropriação de diversos espaços que possibilitariam experiências lúdicas no colégio.

Já em relação à manutenção, percebemos que a falta ou demora desta é um fator que inibe a apropriação destes locais, tendo em vista que a manutenção é algo que faz parte da rotina da escola, já que a todo momento são realizados reparos em diversos locais e, quando isso não ocorre muitos espaços ficam sem possibilidade de uso, ou deixam de ser atrativos. Na escola em questão há uma problemática mais específica, o prédio principal é patrimônio tombado, e isso dificulta a execução de obras que poderiam beneficiar no uso dos espaços. Além disso, vimos que a falta e demora na manutenção por vezes reflete na qualidade estética do lugar, algo também visualizado no estudo de SANTOS (2010), a qual verificou a influência da beleza do lugar sobre a sua apropriação.

Desta forma, manutenção e acesso são aspectos importantes e imprescindíveis à apropriação dos espaços por parte dos alunos, o que poderia corresponder à transformação dos espaços em lugares, em que o vínculo afetivo entre as pessoas e o ambiente tornar-se-ia carregado de significados, que continuamente modificariam a

percepção das pessoas, pois estão relacionados a aspectos como: a) vivência do local por meio da realização de ações e atribuição de significados; b) identificação com o ambiente, relacionada à contemplação dos anseios dos usuários, refletindo sua identidade e c) experiências, compreensão e identificação com o lugar (TUAN, 1980).

Um exemplo pôde ser verificado, a partir do protocolo de observação, no bosque localizado no CEP. No início da pesquisa, esse espaço, que faz parte da área verde do colégio, estava sem condições de uso, entretanto, recentemente foi revitalizado pela direção do colégio, com proposta inclusive de aulas formais no local, com isso a direção relatou a maior utilização deste local pelos alunos dos turnos diurnos, como leitura, alimentação, para tocar violão, conversar, comemorar aniversários, dentre outras práticas, passando de espaço para lugar não somente para muitos alunos, mas também professores e funcionários.

Para Rechia (2006, p.102), “... as formas de apropriação, os usos cotidianos e as maneiras de frequentar um lugar é que dão significado aos espaços”. Desta forma, podemos inferir que os pátios (alas par, ímpar e arena), por serem os espaços mais utilizados pelos alunos, seja na entrada, intervalo ou saída das aulas, são também os mais significativos.

Quando questionados com relação às reformas que estavam ocorrendo no colégio, os alunos concordaram que eram necessárias para melhoria do espaço escolar uma vez que se trata de uma construção antiga, porém afirmaram que as reformas demoram demasiadamente. Para eles ainda, a inutilidade de algumas obras chamou a atenção, como por exemplo, o chafariz na entrada do colégio que, embora proporcionasse uma boa aparência à fachada, não era considerado fundamental à aprendizagem.

2º Retrato - TURNO DA TARDE

No turno da tarde o colégio atende turmas do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), do Ensino Médio (1ª e 2ª série) e do Médio Integrado (1º e 2º ano), totalizando 40 turmas.

Indagados sobre os espaços que mais usavam no colégio, as respostas foram expressivas quanto aos pátios, foi apontado que nesses locais permanece grande parte dos alunos, sobretudo porque são consideradas as principais áreas que possibilitam experiências no âmbito do lazer. De forma semelhante ao que foi retratado no turno da manhã, o que pode ter ocorrido pela similaridade entre esses turnos, que possuem o mesmo tempo disponível para o intervalo, acontecem no período diurno e contam com alunos adolescentes e pré-adolescentes, no caso do período da tarde. A seguir, temos alguns registros referentes à permanência dos estudantes nesses locais: *“Na ala ímpar [nós ficamos] por que tem o lanche gratuito (fome zero) e por que tem mais gente”, “É a área de lazer que mais gostamos e é liberado nos intervalos”, “É uma área grande que proporciona interação”, “São os lugares maiores e melhores disponíveis”.*

É interessante perceber que os únicos a citarem os espaços da área verde do colégio foram alunos dos sextos anos. Na primeira fase desta pesquisa, percebemos que havia certa divisão de espaços estabelecida no colégio, de forma não oficial, mas conhecida e acatada por grande parte dos alunos, relatos dos alunos mostravam que muitos conheciam esse local por “CEP kids”, isso porque ali acontecia um acordo cultural de segregação dos alunos “maiores”, dos alunos “menores”, algo que possivelmente se manteve, de acordo com relatos da direção, em razão do intervalo separado que ocorria até o ano de 2010. Além dessa motivação o fato dos alunos mais novos possuírem atitudes de mais infantilidade acaba por excluir os alunos do Ensino

Médio. Na área verde e pátio da ala par, se concentravam alunos dos sextos até nonos anos (5^a a 8^a série). Já os alunos maiores, do Ensino Médio, permaneciam na ala ímpar, arena e imediações.

A forma de entrada desses alunos no colégio, de certa forma, reforçava essa divisão, pois os alunos menores entravam pelo portão que dava acesso ao pátio da ala par, aguardando a abertura da porta para entrarem para suas salas de aula. Já os alunos do Ensino Médio entravam pelo portão que dava acesso ao pátio da ala ímpar, entrando para as salas antes dos alunos do Ensino Fundamental, a fim de organização e para evitar possíveis aglomerações e conflitos nos corredores e escadas. Aqui retomamos que a frequência de passagem desses alunos por tais locais, pode ser uma das motivações que reforçam o sentimento de pertencimento que eles possuem por esse espaço.

A segunda questão feita aos alunos foi relacionada aos espaços que eles menos utilizavam. O principal espaço citado foi o bosque, presente atrás do planetário. De acordo com os alunos, muitos não utilizavam este local, pois não havia atividades a serem realizadas, além disso, percebemos também o desconhecimento de muitos alunos quanto ao espaço. Os relatos a seguir ilustram tais apontamentos: *“Por que as quintas séries utilizam e os inspetores não permitem que nós alunos frequentemos o bosque”*, *“Não há nada no local, poderiam colocar atividades e melhor iluminação”*, *“É uma área desconhecida pela não realização do CEP Tour”*.

No início de cada ano letivo, o GECEP (Grêmio estudantil do CEP) realiza o “CEP *tour*”, atividade sistematizada, em que os alunos calouros, acompanhados de “guias”, conhecem os principais espaços do colégio. Porém, o CEP *tour* de 2011 não foi realizado para todas as turmas, fato que pode ter influenciado na falta de conhecimento.

De acordo com os alunos muitos também não vão a este local em razão de certa proibição dos inspetores.

A terceira questão tinha como objetivo saber dos alunos que outros tipos de espaços gostariam que houvesse no colégio, entretanto, percebemos que a principal necessidade deles era poder utilizar o ginásio, um espaço que já existe, porém é pouco acessível. Os motivos foram principalmente quanto à infraestrutura deste espaço, comprometida por problemas no telhado, como infiltrações, que causaram danos ao piso de madeira então recém-colocado. Percebemos que, apesar do colégio ter amplos espaços que possibilitem experiências no âmbito do lazer, alguns deles são pouco acessíveis aos alunos, como nesse caso, o ginásio.

Em diálogos com integrantes da equipe diretiva do colégio, é visível a preferência que se dá aos momentos de treinamento das modalidades esportivas no CEP. Com isso, no momento do intervalo e até mesmo durante as aulas de educação física curricular, os alunos raramente têm acesso ao ginásio, o que acaba comprometendo o direito ao acesso deste e outros espaços.

Percebemos que no CEP os alunos ficavam reduzidos aos espaços dos pátios, o que gerava certa aglomeração de pessoas, reduzindo as possibilidades de experiências no âmbito do lazer, uma vez que espaços como o complexo esportivo e o ginásio, por exemplo, não podiam ser acessados sem a presença de um professor.

Na quarta questão, indagados sobre suas opiniões quanto às reformas que estavam em andamento no colégio, a maioria dos alunos apontou aspectos negativos, como demora e inutilidade das mesmas, restando poucos que percebiam os pontos positivos das obras.

3º Retrato - TURNO DA NOITE

No turno da noite o colégio atende turmas do Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª série) e dos Cursos Subsequentes (1º, 2º e 3º períodos), totalizando, assim como nos turnos da manhã e tarde, 40 turmas.

Nas respostas dos alunos em relação aos espaços mais utilizados foram citadas diversas áreas consideradas de estudo, dentre as quais a biblioteca, as salas de aula e de desenho, além dos laboratórios de informática. Este fato pode estar relacionado com o perfil dos alunos que estudam neste período, ou seja, em sua maioria de adultos e trabalhadores, que procuram formação educacional e profissional no colégio.

Outro fato interessante é que, de certa forma pode ter influenciado nas respostas dos alunos, estava relacionado à organização interna do colégio neste turno, visto que, o horário do intervalo possuía menos tempo (10 minutos) se comparado aos demais turnos, o que acabava influenciando na decisão dos alunos de descerem e acessarem outros espaços externos, ficando muitas vezes dispersos pelos corredores ou restritos ao espaço da cantina comercial ou onde é servida a merenda.

Entretanto, alguns espaços externos que possibilitariam vivências lúdicas emergiram nas respostas, principalmente os espaços no quais os professores de Educação Física utilizavam para desenvolver atividades de aula, como os pátios das alas par e ímpar, as piscinas e a academia, estes últimos pertencentes ao complexo esportivo.

Com relação aos diversos usos dos espaços citados, percebemos que boa parte das respostas convergiu para a formação educacional e profissional, o que corroborou com o perfil da maioria dos alunos do turno.

Os espaços mais conhecidos e, conseqüentemente mais citados estavam localizados nos caminhos mais percorridos pelos alunos no colégio, ou seja, aqueles que

utilizavam para se deslocarem dentro da instituição, seja na entrada, durante o intervalo ou na saída.

Algumas respostas apontam para possibilidades de utilização dos espaços para experiências lúdicas, aqui, percebemos íntima relação com a categoria acesso, ou seja, uma vez que pudessem acessar determinados espaços os alunos os utilizavam também para experiências mais voltadas à ludicidade.

De forma contrária à primeira questão, a segunda, relacionada aos espaços menos utilizados pelos alunos no colégio, a maioria das repostas contemplou espaços inseridos nas categorias áreas verdes, complexo esportivo e pátios. Fatores como: a) pouco ou nenhum incentivo ao uso, principalmente por parte dos professores e também devido ao tempo reduzido de intervalo; b) acesso dificultado devido principalmente ao controle do espaço (neste caso, os alunos acessavam muitos espaços somente com a presença de um professor responsável); c) problemas relacionados à infraestrutura (iluminação, falta de material e segurança) e; d) o fato de muitos serem trabalhadores, chegando muitas vezes no início da 1ª aula, o que dificulta o acesso e conhecimento de muitos dos espaços que possibilitam experiências no âmbito do lazer no colégio. A seguir estão descritas algumas respostas que exemplificam tais circunstâncias:

“Falta de incentivo para conhecer o local e pouco tempo de intervalo”,
“Falta de tempo (intervalo muito curto). Restrições (há lugares que só podem ser usados com o professor)”, “A turma trabalha, chega já no momento da aula. Intervalo de pouco tempo para conhecer o colégio”.

Embora o colégio tenha espaços privilegiados percebemos, pelos relatos dos alunos, que esses espaços não eram utilizados de forma a favorecer a apropriação, dificultando e diminuindo a possibilidade de experiências no âmbito do lazer pelos alunos no colégio. Para Flores (2007; 2009) a apropriação dos diversos espaços, não somente pelos alunos, mas por toda a comunidade escolar pode facilitar e favorecer

aspectos importantes como a regularidade do uso, a segurança e a manutenção do espaço físico escolar.

Em uma mesma perspectiva, Provonost (2011) aponta que os espaços que possibilitam experiências lúdicas no colégio devem ser valorizados, pois há uma complementaridade variável entre a o trabalho escolar e a ludicidade, representando o primeiro um papel majoritário na comunicação de saberes estruturados e o segundo contribuindo para a formação da personalidade e da sensibilidade. Igualmente, concordamos com Tschoke; Tardivo; Rechia (2011), que afirmam que as escolas e seus diversos espaços podem se tornar efetivamente um dos ambientes com potencial para o desenvolvimento de vivências lúdicas diversificadas.

França (1994, p. 39) sinaliza que a modelagem da estrutura arquitetônica constitui importante “criadora e distribuidora de significados, promovendo o redimensionamento da posição humana e um novo desenho da vida em sociedade”. Não apenas a estrutura, mas a forma de organização interna do colégio acaba promovendo este redimensionamento, em que dificuldades e limitações relacionadas a fatores como tempo, acesso e incentivo são determinantes para a ocorrência da apropriação dos espaços pelos alunos.

A terceira questão tinha como objetivo identificar que outros tipos de espaços os alunos gostariam que fossem oferecidos pela direção do colégio. Espaços relacionados às áreas de estudo (laboratórios de informática e laboratórios específicos dos cursos técnicos), objetivando formação educacional e profissional, bem como melhorias relacionadas à infraestrutura desses espaços foram contemplados na maioria das repostas.

Percebeu-se também, por meio das respostas a necessidade de investimentos em espaços específicos, seja para melhorar e facilitar o acesso e utilização desses espaços durante o horário de aula e de intervalo, seja para o desenvolvimento do curso. Alguns alunos do turno da noite perceberam isso, expondo que:

Pois é um lugar [a escola] que pode oferecer muito aos alunos”, “[O auditório] É o espaço adequado para eventos e palestras do ramo que podem ser oferecidos até por empresas parceiras dos estágios”, “Porque quando temos as aulas práticas em sala faz muita sujeira e não é o local adequado e sem espaço.

Assim como na questão anterior, novamente percebemos o questionamento em relação às estruturas físicas do colégio que, embora conhecido pelo seu *status* (maior e mais antigo do estado, grande quantidade de alunos, professores, funcionários e pessoas em geral que nele circulam diariamente e pelas atividades extracurriculares e cursos oferecidos aos alunos e comunidade escolar em geral) apresentava problemas relacionados principalmente à manutenção, adequação, construção e acesso de vários de seus espaços.

Para Buffa (2007, p. 159) tais questões interferem no ensino de qualidade, para a autora, “a adoção de uma concepção moderna de ensino sem o correspondente provimento da escola dos recursos humanos e materiais (espaços inclusive) necessários é um triste arremedo”.

A quarta e última questão dizia respeito ao que os alunos pensavam em relação às reformas que estavam acontecendo em determinados espaços do colégio. Pelas respostas dos alunos percebemos a preocupação com as reformas pelas quais o colégio passava desde o ano de 2009. Também foi verificada a falta ou precariedade da comunicação entre a direção e os alunos (espaços que estavam em reforma elétrica, problemas com licitações etc.), além da insatisfação de alguns alunos, principalmente pela demora e transtorno gerado. Por outro lado, respostas relacionadas à satisfação

também foram encontradas, principalmente por melhorarem espaços considerados importantes para os alunos, como por exemplo, o auditório.

Fato interessante foi verificado nas respostas dos alunos dos cursos técnicos subsequentes (pós-médio), percebidos como mais questionadores em relação ao processo das reformas e também mais preocupados com a influência dessas reformas nos seus respectivos cursos e, por consequência, na sua formação educacional e profissional. Dentre as preocupações podemos citar a falta de laboratórios para o curso de Saúde Bucal e a falta de espaços para palestras para os alunos do curso de Administração. Preocupação com acessibilidade, no caso específico ao acesso de deficientes à escolinha de arte também foi verificada:

Reforma da escolinha – não há acessibilidade para cadeirantes ou deficientes (visuais, físicos etc.) e o elevador não funciona”, “Esta demorado, pois prometem que ficará pronto e até agora nada. Vamos concluir o curso e não teremos aula prática”, “Boas, pois de certa forma melhora as estruturas já danificadas e também acaba influenciando os alunos a fazer derivadas atividades dentro do mesmo. Não esta visível as reformas do colégio.

Desta forma, se faz necessário o acesso aos espaços do colégio a todos os públicos, indiferente se estes alunos possuem alguma deficiência física, todos possuem o direito de acesso aos diversos locais que possibilitam experiências no âmbito do lazer no Colégio, pois, assim como os demais espaços, esses também educam por meio das diversas práticas socioculturais que aí podem ocorrer. Corroborando com França (1994) entendemos que um espaço fechado possibilita a formação de um indivíduo igualmente fechado, não apenas em relação às possibilidades de ação neste espaço, mas também diante da defesa dos seus direitos enquanto cidadão.

Fazendo menção à teoria sobre os usos que as pessoas fazem do (s) espaço (s), França (1994, p. 80) afirma que as escolas, em sua maioria, são constituídas por espaços “sociofugidios”, ou seja, espaços portadores “de uma estrutura de características

semifixas, projetando a imagem da arquitetura e do ambiente, influenciando no comportamento das pessoas que tendem a se isolar”, fato percebido em muitos espaços do CEP. Ainda segundo a autora, “no modelo tradicional de escola, encontramos um quadriculamento distribuindo os indivíduos, conferindo a cada um o seu lugar demarcado”, um lugar para os alunos do Ensino Fundamental e outro para os do Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa com os alunos constatamos que a forma como os alunos percebem aos espaços ora diferiram, ora se aproximaram, de um turno para outro. Aspectos relacionados ao acesso aos espaços, tempo disponível durante o intervalo e presença e/ou incentivo dos professores influenciavam a apropriação e consequentemente a percepção dos alunos quanto aos diversos espaços do CEP.

Observamos que, aparentemente, os alunos utilizavam aqueles espaços nos quais o acesso era facilitado. Nos três turnos a percepção deles quanto à utilização dependia do acesso ao local, em razão disso os pátios foram os locais mais citados, pois eram locais em que todos “podiam” ir. O mesmo não aconteceu com as áreas verdes no turno da tarde, apesar de ser um local de fácil acesso, no momento da pesquisa dois quesitos dificultavam o acesso a este local: o primeiro foi a falta de manutenção, que inviabilizava a utilização de uma parte da área, e o segundo a cultura estabelecida de que ali era o lugar do Ensino Fundamental, reconhecido no colégio como “CEP *kids*”, fatores que dificultavam a permanência dos alunos neste espaço.

No turno da noite a dificuldade de conhecer os espaços do colégio perpassava por diversos aspectos, desde o tempo e a motivação dos alunos, a iluminação dentre outros, que em suma influenciavam o acesso dos alunos aos locais.

A partir dessas considerações, percebemos que o ambiente físico de uma escola pode ser considerado como o local do desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, por meio também de experiências lúdicas.

Para além da pesquisa e dos resultados obtidos até o momento, as reuniões e relatórios enviados à Direção do colégio possibilitaram e continuam possibilitando alterações significativas na dinâmica escolar do CEP. Prova disto é o fato da atual equipe da Direção dispor, entre seus membros, de um professor responsável especificamente por qualificar e otimizar os diversos espaços do colégio. Outro fato importante, reflexo da atuação do GEPLEC no CEP, pôde ser observado nas alterações significativas ocorridas nos documentos que norteiam o colégio. No Projeto Político Pedagógico, reformulado em 2011 e no Regimento escolar, reformulado em 2012, foi incluída a valorização que todos deveriam dar ao horário do intervalo, com objetivo de qualificar este tempo escolar, o que certamente influenciará na forma de organização e acesso aos diversos espaços que possibilitam experiências no âmbito do lazer no CEP, muitos destes pouco frequentados pelos alunos em anos anteriores.

Em relação aos espaços infere-se a necessidade que os mesmos sejam planejados, adequados e acessíveis a todos, possibilitando e potencializando as inúmeras vivências lúdicas que certamente irão florescer.

REFERÊNCIAS

Simone Rechia, Fernando R. da Fonseca,
Karine do Rocio V. dos Santos,
Flavia Gonzaga L. Vieira, Aline Tschoke e
Emilia Amélia P. Costa e Silva

Os Espaços Retratados no Colégio Estadual do Paraná

BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: Cultura em classes. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 378-397, dezembro 2003. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso 17 nov. 2013.

BUFFA, Ester. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. *In*: Maria Isabel Moura Nascimento *et al.* **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007. p.151- 164.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. Projeto Político Pedagógico. 2011.

CORREIA, Ana Paula Pupo. Arquitetura escolar: a cidade e a escola rumo ao “progresso” – Colégio Estadual do Paraná (1943-1953). *In*: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

FLORES, Laís Regina. **Espaços livres em escolas**. Suas funções pedagógicas, sociais e ambientais. São Paulo: FAUUSP, 2007. Relatório de Iniciação científica.

FLORES, Laís Regina. **Espaços livres em escolas**. Análise comparativa de exemplos concretos. São Paulo: FAUUSP, 2009. Relatório Final de Iniciação Científica.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **Caos – espaço – educação**. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

GOMES, Christianne Luce. Lazer –Concepções. *In*: _____. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornélie Knatz. **Arquitetura escolar**: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

PINTO, L. M. S.M. Vivência lúdica no lazer. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo: Editora SENAC, 2011.

RECHIA, Simone. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 91-104, 2006.

RECHIA, Simone; FRANÇA, Rodrigo. O estado do Paraná e seus espaços de lazer: Apropriação, desapropriação ou reapropriação? *In*: CAVICHIOILLI, Fernando Renato; MEZZADRI, F. M. ; SOUZA, D. L. **Esporte e Lazer**: Subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas Públicas. São Paulo: Fontoura. 2006. p. 61-74.

Simone Rechia, Fernando R. da Fonseca,
Karine do Rocio V. dos Santos,
Flavia Gonzaga L. Vieira, Aline Tschoke e
Emilia Amélia P. Costa e Silva

Os Espaços Retratados no Colégio Estadual do Paraná

RODRIGUES, D. (Org.). **Perspectivas sobre a inclusão. da Educação à sociedade.** Porto: Porto Ed., 2003. p. 197-208

SANTÍN, Silvino. **Educação Física:** da alegria do lúdico a opressão do rendimento. 3. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização.** Do pensamento único à consciência universal. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANTOS, Karine do Rocio Vieira dos. **Forças sociais no Parque Cachoeira em Araucária - PR:** Conexões entre estrutura físico – espacial, cultura local e formas de apropriação. 2010. 75 f. Monografia (Graduação) - Bacharelado em Educação Física. Departamento de Educação Física. UFPR, Curitiba. 2010.

STIGGER, M. P. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. In: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009

TSCHOKE, Aline. **Lazer na infância:** possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na periferia de Curitiba/Paraná. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação Física, UFPR, Curitiba, 2010.

_____; TARDIVO, Thais Gomes; RECHIA, Simone. Como a escola se tornou também espaço de lazer da comunidade: os programas inseridos a escola Maria Marly Piovezan. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUMA, Magda Madalena Peruzin. **A escola e o tempo.** Londrina: Ed. UEL, 2001.

Endereço dos Autores:

Aline Tschoke
Rua da Bandeira 482, Cabral
Curitiba – PR – CEP: 80035-270
Endereço Eletrônico: aline_tschoke@yahoo.com.br